

O Desespero Humano*

José Luiz Nauaiack*

Com Kierkegaard inicia-se o existencialismo, pois ele ousou evidenciar que o único responsável por dar significado à vida é o próprio indivíduo ao vivê-la de forma intensa e sincera. Ele foi o primeiro a descrever a angústia como experiência fundamental do ser livre e colocar-se em situação de escolha. Junto com Nietzsche antecipou a crise da razão do século XX e influenciou Sartre ao incluir a si mesmo no pensar.

Kierkegaard apresenta o desespero como uma doença mortal e define o homem, como um espírito que não se estabelece com uma relação externa, mas apenas consigo mesmo. Tal ligação consiste em orientar-se com a sua própria interioridade, numa dependência entre o infinito e o finito, entre o temporal e o eterno, entre a necessidade e a liberdade.

Desta corelação nascem as formas do verdadeiro desespero, sendo que, na tentativa de tornar-se independente, a consciência do “eu” surge da necessidade do desprender-se daquele que estabeleceu a relação. Se, no entanto, o homem que se desespera tem consciência do seu desespero e percebe que este nada tem de externo, então a busca por libertar-se, torna-se um desespero maior e ainda mais verdadeiro, cuja conclusão é que quanto mais se aprofunda para libertar-se, mais afunda. A discordância na relação entre o externo e o interno resulta num desespero orientada sobre si próprio e reflete-se até o infinito, na mesma relação como o poder que o gerou. Neste estado se extingue completamente o desespero, quando guiado por si mesmo, o “eu” da consciência descobre Aquele que o criou.

Buscando a identidade do desespero como doença mortal, o autor distingue o desespero virtual do desespero real. Considerando o de-

sespero como uma vantagem e uma imperfeição que distancia o homem de qualquer outro animal, pois na comparação com a capacidade de andar em pé, atribui a este poder um sinal de progresso e de sublime espiritualidade.

Kierkegaard considera poder desesperar-se como uma profunda vantagem em dialética com a miséria, visto que a relação do possível com o imaginável apresenta-se também na forma de poder tornar-se aquilo que se deseja, como a passagem do possível para o real ou num crescimento do “eu” em direção ao si-mesmo. Se não for considerado nesta relação, desesperar nada mais é do que um sofrimento como uma doença ou como a morte. Assim sendo, ele apresenta o desespero como uma dádiva recebida de Deus no momento da formação do ser.

O desespero é uma enfermidade mortal mais do que qualquer outra doença ao atacar a porção nobre do “eu”. Sem acabar com a vida física, o homem vive em agonia interminável. Neste caso, nem a morte pode salvá-lo, pois aqui a doença com seu sofrimento é simplesmente o desespero de não poder morrer.

Tal desespero vem da relação que a síntese estabelece consigo mesma, ou seja, da relação do eu consciente sobre a profundidade desconhecida do si-mesmo. Sendo expressa também como o espírito que une o “eu” com o si-mesmo. E nela jaz a responsabilidade que depende todo o desespero de ousar ser o si próprio, ou seja, em tornar o sujeito coletivo num indivíduo autêntico e exclusivo.

No entanto, antes da transformação completa do ser, o desespero não se reduz e muito pelo contrário, apenas amplia na mesma pro-

* José Luiz Nauaiack
Matemático, Psicólogo
e Pós-Graduado em
Psicologia e Religião
(jose.nauaiack@hotmail.com)

porção que desenvolve-se a consciência e os seus progressos medem a intensidade sempre crescente do desespero, quanto mais aumenta a consciência, mais intenso se torna o desespero.

Para que o “eu” se transforme são igualmente essenciais o que é possível e o que é necessário. Se desespera tanto pela falta de um quanto pela do outro. A infelicidade de um “eu” deste tipo não está em nada ter feito neste mundo, mas em não ter encontrado a consciência de si mesmo, em não ter percebido que este eu é o seu. Diante do si-mesmo nenhum homem se reconhecerá, pois ninguém pode reconhecer-se em um espelho se antecipadamente não se tiver encontrado.

Apesar de poder evoluir, o homem não o faz facilmente, prefere manter-se em sua comodidade, como no exemplo de uma casa com diversos andares. Adega no subsolo, térreo, primeiro andar, cada um com espécies diferentes de moradores, comparando-se a vida em cada um deles, apesar de tudo, a maioria preferiria a adega no subsolo, onde pode encontrar tudo à mão e onde o infinito do horizonte não os provoque.

Todos os homens são uma síntese com fidelidade espiritual, preferindo viver na categoria dos sentidos, sendo contrariado quando convidado a viver no primeiro andar, por considerar que pode viver onde quiser, pois, afinal, a casa lhe pertence.

Para Kierkegaard o desespero não é característico dos jovens e que se perde com a maturidade. Mostra que tanto o velho, que revive nas lembranças do passado se desespera sem poder se arrepende dele, assim o jovem se desespera pelo desconhecido que há de vir. Os dois desesperos se assemelham e possibilitam o crescimento, mas enfatiza que “...é loucura pensar que a fé e o bom senso nos podem nascer tão naturalmente como os dentes, a barba e os demais...”, de forma que o viver sem buscar o “eu” verdadeiro é um desespero inocente e viver buscando-o é um infundável desespero na direção do crescimento.

O desespero no qual o homem deseja ser ele mesmo, ou desespero desafio se serve da eternidade e por isso mesmo se aproxima da verdade, e é por estar próximo a ela que vai mais longe. Este desespero conduz à fé. E graças à eternidade consegue a coragem de se perder para poder novamente encontrar-se na imensidão do si-mesmo.

*“O Desespero Humano”,
de Sören Kierkegaard,
publicado em 2006 em São Paulo/Br
pela Martin Claret.*